

A força do carimbó urbano

No Dia Municipal do Carimbó, Batucada Misteriosa e Toró Açu falam de tradições celebradas com encontro especial no palco

RENOVAÇÃO

Da Redação

Tambores feitos de PVC, letras políticas, mangueio nos ônibus. Nas praças, nas feiras e nas orlas, o batuque se reinventa e ocupa a cidade com uma nova força. O carimbó urbano pulsa na Grande Belém. O ritmo, que nasceu entre mestres ribeirinhos, embalando o cotidiano amazônico, agora ecoa debates contemporâneos e canta resistências — reafirmando-se como memória, pertencimento e futuro, neste 26 de agosto, Dia Municipal do Carimbó.

Entre os destaques dessa cena, estão grupos como a Batucada Misteriosa, de Icoaraci, e o Toró Açu, do quilombo Abacatal. “O carimbó não é só ritmo, é vivência. É nossa maneira de se vestir, de nos enxergar como carimboeiros. A gente escreve sobre pegar ônibus lotado, sobre beber água de coco na orla, sobre racismo e resistência. Nosso carimbó é urbano, subversivo e político”, define Yuri Moreno, músico da Batucada Misteriosa.

No Abacatal, o Toró Açu reafirma a identidade negra amazônica. “Nossa música é a voz do lugar onde vivemos e da luta dos mais velhos que abriram caminho antes de nós. Cada composição é também uma memória coletiva”, afirma Dawidh Maia, integrante do grupo.

“O carimbó urbano é esse movimento que amplia a tradição, que leva o batuque



Os dois grupos vão compor o “Toró Misterioso” durante o Festival Psica 2025, em dezembro. FOTO: DUDA SANTANA/PSICA FESTIVAL/DIVULGAÇÃO

para rua e transforma a rod num espaço de identidade, de enfrentamento e de celebração. É um batuque que se politiza, que dialoga com ritmos contemporâneos e ocupa a cidade sem nunca perder a alegria solar que sempre definiu o carimbó”, afirma Jefé Dias, produtor cultural e diretor do festival Psica, onde os dois grupos vão se encontrar em um show especial.

RODA DA VIDA

De origem afro-indígena e cabocla, o carimbó é raiz da musicalidade amazônica. No carimbó urbano, essa ancestralidade se traduz em territórios de luta. Um dos mais emblemáticos é Icoaraci, distrito de Belém, berço de mes-

tres como Verequete, Lourival Igarapé e do espaço cultural Coisas de Negro.

Fundado por Mestre Nego Ray, o espaço se tornou referência e laboratório do carimbó urbano. Ali se consolidou a prática de tocar pelas ruas — o “mangueio” — e se gestaram grupos que hoje circulam pelo Brasil. “Esse espaço é acolhimento e repasse. Aqui não existe ninguém melhor que ninguém, existe roda. É assim que o carimbó se salvaguarda”, diz Nego Ray, 67 anos.

Sua trajetória é memória viva da cultura popular: das folias de santo às rodas de zimba dos anos 1970, dos bois-bumbás às primeiras rodas de carimbó urbano em 2000. No espaço que criou,

ele viu gerações de jovens se transformarem pelo tambor. “Muitos chegaram aqui sem dinheiro nem para entrar, e aprenderam a tocar para poder participar. Hoje são músicos. Isso é a roda da vida do carimbó.”

BATUQUE COMO ELO

Entre os grupos que despontam nesta nova cena, estão a Batucada Misteriosa e o Toró Açu, ambos criados em 2016. A Batucada, formada em Icoaraci por jovens como Ariel Silva — filho de Nego Ray — e Yuri Moreno, foi forjada entre Icoaraci e as águas de Cotijuba. Já o Toró Açu brota do quilombo do Abacatal. Além da música, o coletivo criou o Centro Cultural

Toró Açu, que articula arte, poesia e artesanato, consolidando o carimbó como instrumento de resistência e de futuro para a comunidade.

É a partir dessa força que o Festival Psica propõe, pela primeira vez, o encontro das duas bandas no projeto Toró Misterioso. Mais que a fusão de dois grupos, o feat inédito é um gesto simbólico: mostra como o carimbó urbano aponta para o futuro sem perder a ligação com sua ancestralidade — sempre ladeado pelos mestres.

“A gente entende que o carimbó é a base da música paraense, a origem de tudo — da guitarrada, da lambada, do tecnobrega. Por isso, ele não poderia estar de fora do Psica.

“Esse espaço é acolhimento e repasse. Aqui não existe ninguém melhor que ninguém, existe roda. É assim que o carimbó se salvaguarda”

Mestre Nego Ray,
do espaço Coisas de Negro,
de Icoaraci

Em todas as edições, o carimbó se faz presente, porque é memória, é pertencimento e também horizonte. Este ano, com o Toró Misterioso, o público vai ver a tradição dialogando com a cidade, com a política e com a juventude”, diz Gerson Jr, diretor do festival, que este ano ocupa a Cidade Velha e o Estádio Mangueirão nos dias 12, 13 e 14 de dezembro.

“Tem quem diga que carimbó é coisa antiga. A juventude mostra que não. Hoje ele está nas ruas, nos festivais, nas plataformas digitais. Mas continua sendo a mesma batida ancestral que transforma vidas”, celebra Nego Ray.

Para o mestre e guardião cultural, ver seus discípulos ocupando o palco de um festival do porte do Psica mostra a potência e o poder do carimbó de criar elos. “Eles chegam com outras referências, até do rock, e vão mudando seu jeito de pensar e de compor, mas sempre mantendo a essência do carimbó.”

 doldiarioonline



FIQUE LIGADO!
A 5ª temporada do DOL Music chega com tudo para dar ainda mais espaço aos artistas regionais, conectando talentos ao público e promovendo a cultura paraense.

Acompanhe de perto os lançamentos, vídeos e entrevistas exclusivas com artistas da música paraense.

NÃO PERCA NENHUM LANÇAMENTO! ACESSE:



OPERCIMENTO: **Claro**

REALIZAÇÃO: **DOL**